

Antes ainda da grande vaga dos últimos anos, o poeta foi sendo, aos poucos, «descoberto», dentro e fora de Portugal. Aqui se fala de

Os pioneiros de Pessoa

José Blanco

No momento em que Fernando Pessoa, cumpridos cem anos sobre o seu nascimento e cinquenta e três sobre a sua morte, começa a atingir a plenitude da fortuna crítica internacional, com um número crescente de traduções nas mais diversas línguas, justifica-se que se recordem o que chamaremos os seus pioneiros. Ou seja, aqueles que, fora de Portugal, foram os primeiros a pressentir o que hoje é universalmente aceite pela crítica: que Pessoa é um dos mais importantes criadores do nosso século, ao nível de Stravinsky, Picasso, Joyce, Braque, Khlebnikov e Le Corbusier (como escreveu Roman Jakobson), e o igual, em poesia, de um Saint-John Perse, de um Maiakovsky ou de um Gottfried Benn (nas palavras de Alain Bosquet).

Os riscos de eventuais omissões, sempre possíveis, são compensados pela justiça que prestaremos àqueles que souberam chamar a atenção para a importância da obra do Poeta. Seguiremos, para tal, um critério cronológico, citando, quando for caso disso, mais do que um nome em cada língua.

Espanha e Brasil: primeiros ecos

Em 1944, fazem-se ouvir em Espanha e no Brasil os primeiros ecos pessoanos. Em Maio desse ano, Rafael Morales publica na revista *Garcilaso* a primeira tradução de Pessoa em castelhano — o poema «Qualquer música». Do outro lado do Atlântico, a brasileira Cecília Meireles, publica no Rio de Janeiro a antologia *Poetas Novos de Portugal*, na qual inclui poemas de Pessoa, obviamente sem necessidade de tradução. Em Dezembro desse mesmo



JORNAL DE LETRAS
14/06/1988

Tempo de Pessoa

ou O Inconsolador

Eduardo Lourenço

*Penso às vezes que nunca sairei da Rua dos Douradores
E escrito isto, então, parece-me a eternidade*

Livro do Desassossego

Cinzento e luminoso. Falo de um texto. Do vertiginoso texto parado, opaco e cintilante que não irradia para o exterior mas se concentra num só ponto de máxima densidade. Esse ponto onde um texto não tem sujeito, não é lugar de nenhuma história, mas da ausência de todas as histórias. Um texto que ao aproximar-se do grau zero da ficção institui por esse movimento um outro espaço de ficção, a ficção silenciosa da existência em busca de nome e, por isso, de toda a gente e de ninguém.

No outro Pessoa todo havia «eu» a mais sob a fingida abdicação do antigo herói de tudo o que acontece entre nós e o universo. Só no *Livro do Desassossego* a abdicação é real, o teatro interior findo, o anonimato perfeito.



*Escrever para dizer
que não é possível
escrever*

Bernardo Soares escreve de si como de ninguém, com aplicada consciência de escriturário, não do Nada grandioso que inspirava as efusões épicas do profissional de génio que foi Alvaro de Campos, mas dos «nadas» que retiram a esse antigo sócia de Deus, o seu suposto esplendor. Não é a sua condição de escravo cardíaco das estrelas nem o deslumbramento fictício que delas desce que o exalta e lhe pede a distraída a quase indiferente notação. É o que há de mais insignificante à sua volta, o que passa despercebido como se tivesse nascido para isso, o que simula tão bem a existência como puro espectáculo indiferente à ideia mesma de um espectador ele, que se vem inscrever quase que a seu pesar, na escrita transparente de *O Livro do Desassossego*.

O escriturário (neutro) da Idade do Vazio

Não aprendemos no *Livro do Desassossego* nada que não soubéssemos já através do que é costume chamar a sua «poesia». Contudo, é um outro tipo de mensagem que sob as mesmas fórmulas em prosa desloca a perspectiva euforizante de todo o poético — só por sê-lo — do seu espaço sublimado para qualquer coisa como um «terreno vago» escrito onde nenhuma mensagem é concebível e menos do que todas a mensagem em que um outro Pessoa se encarnou e os fiéis dela o desejariam solidificar.

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988

«O único viajante com verdadeira alma que conheci»

Entre elas a do retrato do «maior viajante», quase seu duplo ainda mais anónimo e nosso duplo:

«O único viajante com verdadeira alma que conheci era um garoto de escritório que havia numa outra casa, onde em tempos fui empregado. Este rapazito colecionava folhetos de propaganda da cidade, países e companhias de transportes; tinha mapas — uns arrancados de periódicos, outros que pedia aqui e ali — tinha recortados de jornais e revistas ilustrações de paisagens, gravuras de costumes exóticos, retratos de barcos e navios. Ia às agências de turismo, em nome de qualquer escritório hipotético ou talvez em nome de um escritório existente, possivelmente o próprio onde estava (...). Não era só o maior viajante porque o mais verdadeiro que tenho conhecido: era também uma das pes-